



COMUNICADO ACA-M

Av. Ceuta, 4/05/06

O filósofo inglês Rowan Atkinson disse: o que me acontece a mim é tragédia, o que acontece aos outros é comédia. Não sabemos se estaria a pensar directamente nos responsáveis político-técnicos: para eles, vivemos no melhor dos mundos. E estão sempre a admoestar-nos por não vermos como "as coisas" (e não há expressão mais abstracta do que esta) estão a "melhorar".

Uma menina de nome Rafaela Carina Bogas foi atropelada aqui, numa passadeira da Av. de Ceuta, na cidade de Lisboa, em Portugal, país-membro da CE, por um veículo que seguia a velocidade suficiente para: a) não ver a criança; b) a atingir mortalmente.

O condutor - e era um profissional do ramo - foi devidamente identificado. Aguarda em liberdade o apuramento dos factos e conseqüente processo, e assim deve ser: a justiça - e é justiça portuguesa- seguirá o seu curso.

O que aqui aconteceu é, mais uma vez, fruto da desresponsabilidade mútua que todos os parceiros sociais de um crime perpetuam. O condutor não terá tido visibilidade; teria razão porque estava vermelho para a criança; ou não teria razão mas teria, muito compreensivelmente, julgado que estava verde para ele. Decerto não terá pensado: olha, se te bater o problema é teu, eu estou bem protegido.

O semáforo também não terá culpa, porque não é um animal racional. Muito menos o departamento de tráfego da Câmara, que já veio – por estes dias, e com uma celeridade apreciável – alterar os tempos dos semáforos e colocar bandas sonoras.

Quase poderíamos dizer que nada aconteceu aqui. Não há responsáveis, logo - *no pasó nada*.

É verdade que quem está no seu gabinete de trabalho, a resolver todos os problemas que implica uma grande cidade como Lisboa, não pode, humanamente prever tudo, nem acudir a todos os fogos. Desde a saga do túnel do Marquês ao túnel do metro na Praça do Comércio, passando pelas tragédias da 24 de Julho, muitos são os problemas com que a Câmara municipal, os seus gestores, os seus técnicos, têm mãos a medir. E é natural que, com a fadiga, também os nossos gestores urbanos se sintam injustiçados.

A pergunta faz o seu sentido: Podem técnicos e governantes da cidade ser considerados responsáveis pela morte da Rafaela? Talvez o melhor, como tantas vezes acontece infelizmente em Portugal, seja colocar a questão ao contrário: podem governantes e técnicos *não* ser considerados responsáveis?

É certo, a morte de uma criança presta-se à demagogia.

Talvez então o melhor seja não falar dela, dirão aqueles que, como nós, não gostam de demagogia.

Nós concordamos e até vamos mais longe: o melhor mesmo, para evitar demagogias, talvez fosse evitar a morte da criança.

Mas não é disso que falam os que não gostam de demagogia: esses não têm nada contra o facto, apenas contra as notícias do facto.

Mas nada têm a recear.

Em termos estatísticos, nada aconteceu. A morte por atropelamento é, em Portugal, tão banal como, em épocas de horror, é o mal.

E uma pessoa nem é muito - apenas uma fracção de um conjunto de dados que - se Deus quiser - registará em 2006 uma quebra de tantos por cento de acidentes mortais.

Dirão: Então porque é que este nada aconteceu? Não há responsáveis? Ninguém se denuncia?

Quem mandou construir duas urbanizações gémeas cortadas por uma via rápida?

Quem, quando as casas começaram a ser construídas, decidiu aumentar o número de faixas nesta via?

Quem é que, tendo sido avisado pelos moradores e por associações cívicas do perigo da travessia, encolheu os ombros?

Quem, depois de cortes de estrada e manifestações, veio colocar umas túbias bandas sonoras que nunca tiveram manutenção até quase desaparecerem totalmente?

Quem sabia que a passadeira era perigosa e não fez nada?

Será porque o bairro é popular, de gente sem posses, sem estatuto e sem poder? Claro que não. Não, pois não? Não, claro que não.

O ideal seria demolir os prédios e enviar a conta a quem os mandou construir. Não sendo isso possível, acreditamos que é possível minimizar o perigo sem ter de construir passagens aéreas ou colocar lombas.

Apenas vos pedimos que escutem as nossas propostas.

Mas, antes, respeitem um minuto de silêncio por Rafaela Carina Bogas. E que não nos esqueçamos que ela não morreu vítima de uma qualquer força da natureza, ou do destino.